

UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA INTERNA PARA OS PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

DANNIEL CARVALHO*

RESUMO

Este artigo discute como o uso abrangente das formas pronominais no português brasileiro é licenciada por sua composicionalidade interna. A partir de um modelo minimalista de gramática (CHOMSKY, 1995, 1998, 1999), é adotada uma teoria de traços enriquecidos (BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008, 2010), desenvolvida com base na noção de acarretamento e subespecificação de traços, com a finalidade de compor tais pronomes. Esta proposta pretende lançar luz sobre o problema da concordância entre elementos que apresentam diferenças entre si com relação a seu conjunto de traços (pessoa, número e gênero). Esta abordagem leva a uma descrição mais clara acerca do sincretismo das formas pronominais pessoais em português brasileiro a partir de sua estrutura interna, o que simplifica consideravelmente a descrição das operações de concordância nesta língua.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema pronominal, sincretismo, concordância, subespecificação.

1. INTRODUÇÃO

O paradigma pronominal do Português Brasileiro (doravante PB) tem levantado um considerável número de problemas para diversos módulos da Gramática, tais como concordância. No PB, trabalhos como os de Menon (1995), Lopes (1999, 2007), Soto (2001), Rumeu (2004, 2008), Marcotulio (2012), entre outros, demonstram os processos de

* Graduado em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil. Doutor em Letras e Linguística pela mesma universidade. Professor associado da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: danielcarvalho@ufba.br.

mudança pelos quais passou a morfossintaxe dos pronomes pessoais nessa língua. Por exemplo, segundo Lopes (2007, p. 103-104),

[a] perda da desinência verbal dá aos novos pronomes o status de únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória. São várias as alterações morfossintáticas: introdução de novas formas pronominais, simplificação da flexão verbal e preenchimento obrigatório do sujeito. As novas formas *ocê* e *a gente* adquirem ainda valor indeterminado dessas novas formas *ocê/a gente*. Além da referência definida, o uso de *ocê* e de *tu* se expandiu para os contextos de referência indeterminada e já aparece em construções existenciais, como em “*Você tem uma loja lá na rua que só vive em liquidação*” com o sentido de “*Existe/Há uma loja lá na rua que só vive em liquidação*”. No plural, pode-se dizer que *vocês* acabou por substituir o pronome *vós*. O pronome *a gente* apresenta também um caráter indeterminador em oposição a uma nuança mais específica de *nós*. O falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, pois tal forma pode englobar as demais pessoas (*eu + você(s) + ele(s) + todo mundo ou qualquer um*).

Ribeiro (2008) e Lucchesi; Baxter; Ribeiro, (2009), com base em dados de informantes afrodescendentes do PB rural falado no estado da Bahia, mostram que há até a possibilidade de a primeira pessoa do singular apresentar o padrão de concordância da terceira pessoa do singular.

(1) a. Eu **ficô** assim... oiano!

(RIBEIRO, 2008, p. 6)

(2) a. Eu **trabalha** na roça.

b. Eu **trabalhou** na roça.

(LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 336)

Aparentemente, outra sorte de variação atinge as formas pronominais de primeira pessoa do singular: o sincretismo para as diferentes formas Casuais. A tradicional forma nominativa do pronome de primeira pessoa (*eu*) pode ser encontrada em todas as posições argumentais em algumas variedades do PB (cf. (3)).

- (3) a. Minha mãe (*me*) mandou (*eu*) pra escola.¹
b. Maria deu um presente pra *eu*/pra *mim*.
c. Ela nunca falou com *eu/comigo*.
d. Ela puxou na (*minha*) cabeça (*deu/de mim*).²

O sincretismo nas outras pessoas pronominais é um fenômeno aparentemente mais estabilizado em PB. Por exemplo, as formas nominativas dos pronomes pessoais restantes (*você, ele, ela, nós, a gente, vocês, eles, elas*) são também os representantes oblíquos, sem nenhuma marginalidade em sua aceitação.

- (4) Maria deu o livro para *você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas*

Tais formas pronominais também são encontradas nos mesmos contextos das sentenças em (3) acima, como pode ser visto em (5).

- (5) a. Minha mãe mandou *você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas* pra escola.
b. Maria deu um presente pra *você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas*.
c. Ela nunca falou com *você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas*.
d. Ela puxou na cabeça de *?você/dele/dela/de nós/da gente/de vocês/deles/delas*.

A observação de uma reorganização nos padrões de concordância para todas as pessoas pronominais, por um lado, e o sincretismo pronominal encontrado em PB, por outro, parecem de alguma forma fenômenos conectados. O primeiro fato é provavelmente causado pela substituição de alguns pronomes e a consequente redução do paradigma verbal (DUARTE, 1995; GALVES, 1993, entre muitos outros). O segundo fato, apesar de não trazer uma alteração aparente nos padrões de concordância, resulta de uma similar reorganização no paradigma, uma vez que não há correspondência unívoca entre uma forma pronominal e uma única função gramatical, como esperado.

2. SOBRE O CONTEÚDO DO PRONOME PESSOAL³

Um pronome é um reflexo de diferentes tipos de traços, os quais determinam suas características e, conseqüentemente, devem definir seu comportamento sintático. Tradicionalmente, esses são traços morfossintáticos (tradicionalmente representado na literatura linguística pela letra grega φ (phi)), e codificam informação de pessoa, número e gênero. Todos estes traços são considerados como sendo formativos do pronome. Justamente por comporem um pronome, estes traços participam do mecanismo sintático de concordância. Entretanto, apesar de seu conteúdo – todos são traços que codificam informações discursivas já gramaticalizadas pela língua –, os traços φ não compreendem todas as informações que um pronome carrega. Em (6) abaixo, por exemplo, o traço pessoa é incapaz por si só de determinar a interpretação (ou referencialidade) do pronome: *você* é a forma canônica para a segunda pessoa do singular em PB, mas pode também ter uma interpretação arbitrária numa mesma sentença.

- (6) *Você* pensa que tá fazendo a coisa certa, mas no fim *você* não está
“Alguém pensa estar fazendo a coisa certa mas no fim esse alguém não está”
“Você pensa estar fazendo a coisa certa mas no fim você não está”

Você, em (6), pode ser analisado através de pelo menos duas perspectivas: (i) há duas entradas lexicais diferentes para esta mesma forma pronominal, uma para a segunda pessoa com referência definida e outra para a referência arbitrária; e (ii) há apenas uma única entrada lexical para *você* e o traço pessoa é, na verdade, um traço complexo que, dependendo de seu conteúdo, gera diferentes interpretações para uma única forma pronominal, neste caso. A segunda perspectiva parece mais atraente visto que, mesmo se houvesse duas entradas lexicais diferentes para uma mesma forma pronominal, poder-se-ia compô-las usando-se um traço único complexo, o que é coerente com a noção de recursividade e economia (CHOMSKY, 1995, 1999).

Da mesma forma que em (6), em (7) *a gente* apresenta variação na interpretação do traço [pessoa]: com um clítico anafórico, *a gente* permite os de primeira ou terceira pessoas, dependendo da localidade.⁴

- (7) a. *A gente_i já se_i / *nos_i viu na TV.*
b. *A gente_i soube que o Paulo *se_i / nos_i viu no Giovannetti ontem.*
(MENUZZI, 2000, p. 109)

Esta variação também leva em conta o traço [número], uma vez que *a gente* possibilita, no verbo, tanto marca morfológica de terceira pessoa do singular quanto de primeira do plural. O mesmo ocorre com *nós*, a forma pronominal canônica de primeira pessoa do plural, que pode estabelecer concordância com a terceira pessoa do singular, em PB. Com número, a hipótese de traço complexo pode ser aplicada da mesma forma que para pessoa. Portanto, deve haver elementos que estabeleçam concordância sintaticamente em (8), onde todas as combinações entre pronomes e morfologias verbais são gramaticais.

- (8) a. *A gente é brasileiro*
b. *A gente somos brasileiro(s)*
c. *Nós somos brasileiro(s)*
d. *Nós é brasileiro*

Seguindo a perspectiva minimalista (CHOMSKY, 1998, 1999), numa dada derivação, uma *sonda* contendo mais traços do que um *alvo*, ou com traços diferentes dos do alvo, não representa condição para concordância, e, conseqüentemente, a derivação não converge.

Gênero também levanta problemas para definição de um pronome. Não apenas pronomes que apresentam gênero morfológicamente expresso em suas formas carregam tal traço; pronomes que não exibem marca de gênero parecem carregá-lo da mesma forma. Em (9), a primeira e a segunda pessoas do singular desencadeiam marca morfológica de gênero no predicativo.

- (9) a. *Eu sou bonito/bonita.*
b. *Você é bonito/bonita.*

Aqui, a gramaticalidade de (9) demonstra que gênero não pode ser determinado apenas quando o pronome o exibe morfológicamente.⁵

Adicionalmente, um pronome não parece ser configurado apenas pelos traços acima mencionados. Em (6) acima, a arbitrariedade

referencial de *você* não pode ser capturada por sua forma, visto que pessoa caracteriza esta forma pronominal (2ª pessoa), ou simplesmente pelos já conhecidos traços ϕ . Como mencionado acima, pessoa não é suficiente para definir *você* dentro de um paradigma, *i.e.* não é o único traço por isso responsável, mas, indiscutivelmente, este traço é indispensável para a interpretação e identificação deste pronome. Isto quer dizer que deve haver algo mais que permita as duas interpretações.

Dessa forma, esta informação adicional deve ser trazida para dentro da derivação, o que não é nenhuma novidade (D'ALESSANDRO, 2006; SPEAS, 2004; CARVALHO, 2008, 2010, 2011). Mas, mais especificamente, essas informações adicionais deveriam ser concatenadas com os traços básicos que compõem um pronome. Isto se dá, pois, algumas vezes, elas são necessariamente exigidas por questões de concordância (COWPER; HALL 2002). Em outras palavras, estes traços adicionais são sintaticamente exigidos e devem estar presentes na derivação.

A introdução de tais informações pode acarretar problemas como: (a) como lidar com tanta informação dentro de um único elemento?; (b) como controlar tais traços?; (c) é possível conciliar este pronome enriquecido e um mecanismo minimalista de concordância?

O fato de considerar que mais traços integram um pronome não quer dizer que todos estes traços devem necessariamente ser legíveis ou mesmo presentes no curso da derivação. Assumir uma hierarquia para tais traços estabelecida ainda no léxico parece ser uma solução ótima para este problema. Esta hierarquia deve ser fundamentada nos princípios da subespecificação. Isto se dá já que, como apontado acima, alguns traços são interdependentes: a interpretação de um traço depende da presença ou ausência de outro. Este comportamento coloca outro *desideratum*: traços devem obedecer a *acarretamento*.

Acarretamento aqui é concebido estruturalmente como definido abaixo:

(10) **Acarretamento**

Dados dois elementos A e B respectivamente numa ordem hierárquica, a presença de B requer a presença do outro elemento A.

Esta noção é capturada da proposta de Harley e Ritter (2002). As autoras propõem uma geometria que permite a geração de pronomes entre as línguas a partir de um número limitado de traços semânticos. Adotarei esta proposta com uma diferença: algumas informações outrora extra-sintáticas, tais como especificidade e definitude, também são incluídas nesta geometria, uma vez que tais informações parecem, a partir das evidências acima expostas, terem se gramaticalizado e fazer parte do arsenal informacional componente dos pronomes no léxico. Assumo aqui sem pormenores que tais informações foram de fato gramaticalizadas e são parte integrante do conjunto de traços formais dos elementos pronominais.⁶

3. O QUE COMPÕE UM PRONOME?

Harley e Ritter (2002) defendem uma geometria de traços morfossintáticos para o sistema pronominal nas línguas. As autoras assumem que essa geometria é o resultado da gramaticalização de certas categorias cognitivas (tais como referência e pluralidade) e é motivada por um extenso conjunto de línguas geneticamente distintas. A ideia principal em sua argumentação é que um modelo baseado em um conjunto cristalizado de traços é improvável, o que é mostrado, consequentemente, nos padrões de aquisição da língua.

Harley e Ritter (2002) demonstram que uma geometria morfológica nos termos de Harley (1994) poderia alcançar os mesmos resultados da geometria de traços fonológicos. Portanto, as autoras analogamente propõem sua geometria baseada no que chamam de “razões externas para o grupamento natural” (HARLEY; RITTER 2002, p. 489).

A visão de Harley e Ritter (2002) dos traços é o mesmo de Harley (1994): traços são monovalentes e somente aparecem se têm valor positivo. Também, uma dependência traçal é proposta, *i.e.* se um dado traço Y aparece após um dado traço X, significa dizer que Y é dependente de X e se X é eliminado, Y também o é. Praticamente, um traço como *destinatário* só existe se há um traço tal como *participante*.

Assim, Harley e Ritter (2002) dividem os tradicionais traços ϕ em três grandes grupos ou categorias: *Participant*, *Individuation* e *Class*. *Participant* inclui os traços *Speaker* ([falante]) e *Addressee* ([destinatário]), usados para representar *pessoa* (primeira e segunda,

uma vez que a terceira seria a forma não-marcada); *Individuation*, incluindo *Group*, *Minimal* e *Augmented*, representa a categoria *número*; e *Class*, e seus subgrupos, codifica *gênero* e outras classes informacionais. As autoras, entretanto, focam sua atenção nos nós *Participant* e *Individuation* para desenvolver sua argumentação, mostrando uma interação entre as categorias *pessoa* e *número*.

Duarte et al. (2002) propõem uma geometria de traços similar para o português, levando em conta, porém, traços binários. Portanto, adotarei aqui a proposta original de Harley e Ritter (2002), que tem com fundamento subespecificação e acarretamento de traços, e que não leva em conta traços com valores negativamente marcados.⁷ Assim, neste trabalho, assumirei com Harley e Ritter (2002), e em acordo com Béjar (2003) que, em vez de *pessoa*, *número* e *gênero* serem considerados os componentes atômicos de um pronome, traços ϕ devam ser decompostos em traços mais atômicos, que capturem categoricamente as informações cruciais que um pronome carrega, sendo as relações intrínsecas de acarretamento entre eles responsáveis pela sua distribuição e diferentes formas.

Béjar (2003) propõe uma teoria de traços para concordância com bases minimalistas, preenchendo uma lacuna na empreitada gerativista. Baseada em restrições locais no sistema de concordância do georgiano e de línguas algonquianas, língua oficial da Geórgia e família de línguas indígenas norte-americanas, respectivamente, a autora desenvolve uma teoria na qual concordância se dá através das relações entre traços formais (no sentido de Chomsky, 1998,1999). A análise se baseia em uma perspectiva para traços formais onde ϕ codifica as propriedades nominais que tipicamente entram no processo de concordância: *pessoa*, *número* e *gênero*. Entretanto, tais propriedades não são suficientes para capturar exigências sintáticas de tal teoria de concordância baseada apenas em traços. Assim, a autora assume com Harley e Ritter (2002) que pronomes obedecem a uma hierarquia interna (uma geometria), responsável por sua sistematização. As tradicionais categorias *pessoa* ([PARTICIPANT]) e *número* ([INDIVIDUATION]) são também centrais na teoria desenvolvida por Béjar. As relações de concordância estabelecidas pela autora são úteis à descrição de algumas relações sintáticas encontradas em PB.

A abreviação tradicional de traços φ como um conjunto cristalizado de traços que compõem um elemento R(eferencial) é inviável uma vez que não captura as relações que um elemento R pode ter no sistema computacional, sendo alguns desses traços ausentes por razões independentes (cf. ex. (6)-(9)).

Algumas propostas revisadas aqui mostram uma visão mais acurada acerca dos pronomes, mas ainda capturando *pronome* como sendo um feixe dos traços φ . Harley e Ritter (2002), ao proporem uma decomposição dos tradicionais traços φ , são coerentes com a variabilidade encontrada interlinguisticamente. Uma teoria nessas premissas implica subespecificação no sentido de que um dado elemento R pode não apresentar todos os traços apesar de tê-los disponíveis em seu inventário. Isto, na verdade, é similar à proposta de Cardinaletti e Starke (1999) no sentido de que *deficiência* (ausência de um dado traço por acarretamento) é responsável pela distribucionalidade do pronome. Aqui, defendo um modelo fundido de deficiência, como definido em (11):

- (11) Um pronome é *deficiente* se carece pelo menos de um traço formativo.

Os reflexos de tal deficiência são sentidos sintaticamente, ou seja, têm implicações em como o mecanismo de concordância funcionará uma vez que um pronome deficiente pode exitosamente entrar em uma relação de concordância.

De acordo com Harley e Ritter (2002), a forma de um dado pronome (e suas características) é capturada como o resultado de sua composição de traços e suas relações sintáticas. Assumo aqui, portanto, que esta composição interna é suficiente para codificar algumas características externas à sintaxe, tais como referencialidade. Adicionalmente, algumas categorias externas ao nó PARTICIPANT (a saber, CLASS) serão assumidas inter-relacionadas a ele, tornando-se este nó crucial, ao lado de INDIVIDUATION, na variabilidade encontrada no sistema pronominal em PB. Tal configuração, conseqüentemente, traz alguns problemas para o mecanismo de concordância tal qual o adotado aqui, uma vez que *match*, uma operação essencial para que concordância ocorra, é condicionada à correspondência de traços.

4. TRAÇOS DE PESSOA

A geometria de Harley e Ritter (2002) permite a possibilidade de subespecificação (parcial e/ou total) de um dado sistema pronominal. Sistemáticamente, subespecificação codifica contraste: uma subespecificação total quando da ausência do nó [PARTICIPANT], por exemplo, resulta na terceira pessoa, enquanto subespecificação relativa pode resultar na segunda pessoa quando o nó [PARTICIPANT] tem uma interpretação *default* na ausência de mais dependentes. Consequentemente, o traço [SPEAKER] é normalmente dependente do traço [PARTICIPANT], resultando na primeira pessoa.⁸

Béjar (2003) introduz um novo traço à geometria de Harley e Ritter (2002), a saber, [π]. Π é um nó intermediário entre a raiz do elemento referencial e o nó [PARTICIPANT]. Este é também um rótulo para a categoria *pessoa*. Segundo a autora, [π] é empiricamente necessário. Por exemplo, sem ele, não-participantes são obrigatoriamente subespecificados exceto pelo traço [INDIVIDUATION], e, talvez, pelo traço raiz R.⁹ A introdução deste traço é também motivada pelo fato de a subespecificação de traços para terceira pessoa poder ser o ponto de variação, uma vez que, apesar de alguns pronomes de terceira pessoa serem totalmente subespecificados, há pronomes de terceira pessoa com subespecificação parcial, os quais podem atuar como *interventores*.¹⁰ Béjar (2003) afirma que a inserção do traço [π] é necessária como uma camada representativa, já que alguns traços categoriais devem ser incluídos dentro do nó [PARTICIPANT].

Evidência de que em algumas línguas certas categorias devem ser incluídas na categoria *pessoa* vem de Cowper e Hall (2002). Os autores propõem uma geometria de traços para a flexão nominal do inglês, mostrada em (12), em que categorias pragmáticas gramaticalizadas são levadas em conta para definir geometricamente tais morfemas de flexão nominais.

(12) [D[SPECIFIC[DEFINITE[DEICTIC][DISTAL]]]]

Esta geometria dá conta de certas restrições no mapeamento entre os itens lexicais que codificam a flexão nominal, e os contextos

sintáticos em que eles ocorrem, como ilustrado nos exemplos (13) abaixo, cujas configurações são dadas em (14).

- (13) a. THIS coffee over here is stale
ESTE café sobre aqui está velho
“Este café aqui está velho”
b. THAT coffee is stale
AQUELE café está velho

- (14) a. **THIS**
[DP[D[SPECIFIC[DEFINITE[DEICTIC][DISTAL]]]]
[#P[#GROUP]][NP]]
b. **THAT**
[DP[D[SPECIFIC[DEFINITE[DEICTIC]]]][#P[#GROUP]]
[NP]]

(COWPER; HALL, 2002, p. 62)

Segundo os autores, a diferença entre os pronomes definidos em (14) é feita através da presença/ausência do traço [DISTAL] no nó que representa [pessoa]. Este traço determina a noção de distância no discurso.

Como Béjar (2003) aponta, em algumas línguas esta decomposição de [pessoa] como proposta por Harley e Ritter (2002) não é suficiente para codificar alguns traços que são necessários para definir certos nominais (como os de Cowper e Hall, 2002). Por exemplo, [DEFINITE] e [ANIMATE] são acarretados por [PARTICIPANT] em línguas como húngaro e algonquiano, respectivamente (BÉJAR, 2003). Estas categorias, alternativamente, podem ser requeridas pelo nó [PARTICIPANT]. Portanto, [π] rotularia os traços que podem ser capturados entre R e [PARTICIPANT], assumindo a representação em (15).

- (15) SPEAKER>PARTICIPANT>{DEICTIC>DEFINITE>SPECIFIC>...>D= π }>R

Entretanto, sugiro aqui que $[\pi]$ não codifica, mas, estruturalmente, deve dominar tais traços. Isto se dá porque alguns traços assumidos por Béjar (2003) como sendo codificados por $[\pi]$ podem ou não estar presentes na configuração. Se eles fossem concebidos dentro de $[\pi]$, isso feriria as condições de acarretamento. Portanto, se traços como [DEFINITE] ou [SPECIFIC] estivessem localizados dentro de $[\pi]$, isto é, codificados por $[\pi]$, seria impossível ter estes traços como distintivos no exemplo em (6), repetido abaixo em (16).

- (16) *Você* pensa que tá fazendo a coisa certa, mas no fim *você* não está
 “Alguém pensa estar fazendo a coisa certa mas no fim esse
 alguém não está”
 “Você pensa estar fazendo a coisa certa mas no fim *você* não
 está”

Nesse caso, o acarretamento de traços subcategorizados por D é responsável pela leitura arbitrária: na ausência de traços como [DEFINITE], *você* carece de uma leitura definida, que requer dêixis. Desse modo, [pessoa], como uma categoria, permanece intacta enquanto traços como [SPECIFIC] ou [DEFINITE] desempenham o papel da arbitrariedade referencial. Assim, assumo com Béjar (2003) que o nó $[\pi]$ é uma variável codificadora de outros elementos que podem ser necessários para contraste de pessoa.

Assumo aqui a estrutura em (17) como sendo a possível configuração para R. A estrutura em (17) é a entrada lexical da categoria *pessoa* de um dado pronome que entra na derivação, engatilhando todos os mecanismos sintáticos necessários para que ele alcance PF.

- (17) $[R[\pi[\text{PART}[\text{SPEAK}][\text{ADDRE}]]][D[\dots]]]$

Adicionalmente, esta estrutura é compatível com a de Déchaine e Wiltschko (2002), diferindo no que diz respeito à localização de D. D é o traço que codifica as informações nominais de um pronome, podendo ou não, teoricamente, estar presente na configuração. Uma vez presente, o pronome se comporta como um pro-DP, na notação de Déchaine e Wiltschko (2002), uma projeção extra em R (ou ϕ , na

terminologia das autoras), não sendo necessário capturar tal informação. Consequentemente, proponho (18) como a configuração do nó [pessoa] para representar os pronomes pessoais em PB:

(18) [R[π [PART[SPEAK][ADDRE]][D[SPECIFIC[DEFINITE]]]]]

Portanto, o acarretamento de traços sob [π] permite que o paradigma pronominal prediga uma forma com referência arbitrária mesmo que esta compartilhe a mesma forma de outro definido (cf. *você* no exemplo (6)).

A informação semântica de cada traço dominado pelo traço [π] é dada genericamente abaixo:

- a) **[PARTICIPANT]:** caracteriza os participantes do processo discursivo (1ª e 2ª pessoas). A ausência deste traço e, conseqüentemente, dos traços por ele dominados, caracteriza a 3ª pessoa, nos termos de Benveniste (1966), a não-pessoa.
- b) **[SPEAKER]:** a presença do traço [SPEAKER] imediatamente dominado pelo traço [PARTICIPANT] define o pronome como sendo o falante no processo discursivo (1ª pessoa). A possibilidade de se ter uma 1ª pessoa arbitrária (cf. ex. (19)) vai se dar da combinação deste nó com o nó D subespecificado para os traços [SPECIFIC] e [DEFINITE]:

(19) *Eu* começo a fumar um cigarro hoje, amanhã *eu* experimento x.
(Contexto: um agente de controle de drogas entorpecentes sendo entrevistado por um apresentador de TV)

Em (19), o pronome *eu* tem uma leitura arbitrária, podendo ser substituído por outra forma arbitrária:

(20) *Você/a gente/alguém* começa a fumar um cigarro hoje, amanhã
Você/a gente/alguém experimenta x.

- e) **[ADDRESSEE]**: caracteriza o ouvinte no processo discursivo. A possibilidade de se ter uma 2ª pessoa arbitrária segue as mesmas condições apontadas para uma 1ª pessoa arbitrária.
- d) **[D]**: corresponde ao traço [N] e caracteriza nominais. A presença deste traço caracteriza o nominal como sendo um argumento, como defendem alguns autores (DÉCHIANE; WILTSCHKO, 2002). Este traço também domina a projeção que compreende traços como [DEFINITE] e [SPECIFIC].
- e) **[SPECIFIC]**: denota um indivíduo particular (ou grupo de indivíduos). Um DP que apresenta o traço [SPECIFIC] é interpretado como “um indivíduo que é conhecido pelo falante”.
- f) **[DEFINITE]**: o traço [DEFINITE] define quando um DP se refere a algo presente no universo discursivo.

Assim, a representação dos pronomes em PB de acordo com sua composição de traços gera o seguinte resultado: $[\pi]$ é responsável sozinho pela diferenciação das primeira, segunda e terceira pessoas, como esperado.¹¹ Portanto, a especificação de traços relevantes para os pronomes aqui é a seguinte:

QUADRO 1 - ESTRUTURA DE TRAÇOS DE PESSOA NO PB¹²

| | | |
|----|------------|--|
| 1ª | Definida | $[R[\pi[\text{PART}[\text{SPEAKER}][D[\text{SPECIFIC}][\text{DEFINITE}]]]]]$ |
| | Arbitrária | $[R[\pi[\text{PART}[\text{SPEAKER}][D]]]]]$ |
| 2ª | Definida | $[R[\pi[\text{PART}[\text{SPEAK}][\text{ADDRE}]]][D[\text{SPECIFIC}][\text{DEFINITE}]]]]]$ |
| | Arbitrária | $[R[\pi[\text{PART}[\text{SPEAK}][\text{ADDRE}]]][D]]]$ |
| 3ª | | $[R[\pi[D]]]]]$ ¹³ |

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR, 2017.

Observe que a 3ª pessoa é caracterizada apenas pelos traços primários da categoria *pessoa*: $[\pi]$, que domina e representa a categoria *pessoa*, e [D], elemento básico que define um nominal como tal. Assim, a terceira pessoa seria *maximamente subespecificada* para a categoria

pessoa, pois apresenta o número mínimo de traços que identifica essa categoria como tal. Não por acaso, a terceira pessoa tem um uso muito mais abrangente do que outros pronomes mais especificados para a categoria *pessoa*, o que também caracteriza uma categoria *default*, como propõe McFadden (2004) para *caso*. É o que acontece em línguas como o inglês, por exemplo, onde o elemento pronominal menos marcado para *pessoa* (*it*) exerce a função de expletivo, elemento cuja única função na sentença é preencher a posição sujeito e não deve ter conteúdo informacional, como pode ser visto em (21):

(21) *It* rains.
Expl. chove

O mesmo ocorre no francês, onde o elemento expletivo recebe a mesma forma do pronome de terceira pessoa masculino singular:

(22) *Il* pleut.
Expl. chove

Portanto, a 3ª pessoa seria a forma *default*, ou, na terminologia adotada aqui, *maximamente subespecificada*, para a categoria *pessoa*. A definição de um elemento *maximamente subespecificado* é a seguinte:

(23) Um elemento é *maximamente subespecificado* se apresenta em sua composição apenas o(s) traço(s) que define(m) sua categoria mais geral, *i.e.* seu(s) traço(s) minimamente distintivo(s).

Assim, para o PB, a 3ª pessoa é a forma pronominal maximamente subespecificada para a categoria *pessoa*, pois apresenta apenas os traços minimamente distintivos para esta categoria ([π] e [D]).

5. TRAÇOS DE NÚMERO

O mesmo mecanismo adotado para [pessoa] pode ser estendido a [número]. De acordo com Harley e Ritter (2002), [INDIVIDUATION]¹⁴ é o nó representacional para categorias de *número*, *grau* e *classe*. O traço [INDIVIDUATION] é caracterizado abaixo:

- a) [INDIVIDUATION]: representa a distribuição de entidades no mundo de acordo com suas propriedades discursivas independentes, tais como *classe* e *quantificação*.

Para número, as autoras adotam o traço [GROUP] como sendo o responsável pela leitura de plural dos pronomes. Entretanto, em algumas línguas, apenas a adoção do traço [GROUP] imediatamente dominado pelo traço [INDIVIDUATION] não é suficiente para caracterizar a categoria número, visto que nessas línguas existe distinção entre um grupo formado por dois indivíduos e outro por mais de dois indivíduos. Por exemplo, os pronomes *both* e *ambos*¹⁵, em inglês e em português, respectivamente, marcam exclusivamente a existência de apenas dois indivíduos num contexto qualquer.

- (24) a. Vi *ambos* os meninos na praia
b. I saw *both* boys on the beach
Eu vi ambos garotos em a praia

Assim, um traço como [DUAL], que caracteriza uma quantidade mínima diferente de [singular], ou seja, um conjunto representado por dois indivíduos, deve ser levado em conta na composição de uma geometria para a categoria *número* para pronomes. Portanto, uma categoria dominante, analogamente àquela para *pessoa*, deve ser estipulada. Proponho aqui um nó representacional [NUM] que domina os traços relevantes para a composição da categoria *número*. [NUM], da mesma forma que $[\pi]$, é empiricamente necessário. Sem o nó, a caracterização de singular deveria ser feita apenas pela presença do nó [INDIVIDUATION], que também domina outras categorias, como mencionado acima. Portanto, se houvesse subespecificação para grau, por exemplo, haveria ambiguidade estrutural. Assim, a configuração para *número* deve ser representada independentemente. A estrutura em (25) apresenta a geometria para esta categoria:

- (25) [NUM[GROUP][DUAL]]

A presença de [NUM] codifica a categoria *número* não especificada para plural ou dual. Para os pronomes pessoais em PB,

apenas os traços [NUM] e [GROUP] são relevantes, visto que não há uma forma pronominal pessoal dual distinta. Assim, o traço [GROUP], combinado com $[\pi]$, define as formas do plural dos pronomes. O traço [NUM], subespecificado para [GROUP], define as formas arbitrárias do plural, diferenciando estas daquelas do singular. A ausência do nó [NUM] caracteriza as formas do singular. Dessa forma, a configuração para a categoria *número* em PB é a seguinte: [NUM[GROUP]]. O conteúdo informacional de cada traço constituinte da categoria *número* é dado abaixo:

- a) **[NUM]**: determina a quantificação do nominal. [NUM] sozinho caracteriza uma leitura *singular* do nominal.
- b) **[GROUP]**: a presença do traço [GROUP] é determinada pela presença de [INDIVIDUATION[NUM]] e exige uma leitura plural, *i.e.* a leitura de mais de um elemento.

Assim, a composição para a categoria *número* prediz as possíveis diferenças entre as três formas da primeira pessoa do plural: *nós*, *a gente* (inclusiva ou definida) e *a gente* (exclusiva ou arbitrária):

QUADRO 2 - ESTRUTURA DE TRAÇOS DE PESSOA E NÚMERO NO PB

| | | | |
|----|--|-----------|---|
| 1ª | Nós | | [R[π [PART[SPEAK]][D[SPECIFIC][DEFINITE]]] [INDIVIDUATION[NUM[GROUP]]]] |
| | A gente | Inclusivo | [R[π [PART[SPEAK]][D[SPECIFIC][DEFINITE]]] [INDIVIDUATION[NUM]]] |
| | | Exclusivo | [R[π [PART[SPEAK]][D]][INDIVIDUATION[NUM]]] |
| 2ª | [R[π [PART[SPEAK]][ADDRE]][D[SPECIFIC][DEFINITE]]] [INDIVIDUATION[NUM [GROUP]]]] | | |
| 3ª | [R[π [D]][INDIVIDUATION[NUM[GROUP]]]] | | |

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR, 2017.

O nó [INDIVIDUATION] pode ser responsável pela interpretação arbitrária em PB: uma vez combinado com o nó $[\pi]$, o par de traços prediz

inclusividade complementar, *i.e.* a complexidade do comportamento dos pronomes em PB reflete a complexidade da composição de traços desses pronomes. Assim, *nós* e *a gente* diferem entre si no que diz respeito à especificação de seus traços: *nós* é mais especificado que *a gente*, o primeiro projetando [INDIVIDUATION[NUM[GROUP]]], enquanto no segundo [GROUP] é ausente; *a gente* com referência arbitrária difere de *a gente* com referência definida pela presença dos sub-nós dominados por D no último; e *a gente* e *você* arbitrários diferem pela presença do nó [INDIVIDUATION[NUM]] no primeiro.

6. TRAÇOS DE GÊNERO

A representação de [gênero] como proposta por Harley e Ritter (2002) se mostra inadequada para PB uma vez que há, nesta língua, um contraste *animado/inanimado* distinto de *masculino/feminino*. De acordo com a geometria proposta pelas autoras, [FEMININE/MASCULINE] são dependentes do nó [ANIMATE]. Primeiramente, em PB, animacidade não está conectada aos traços [FEMININE/MASCULINE], como assumido pelas autoras.¹⁶ Ainda, não há forma neutra para os pronomes em PB, como observado em (26):

(26) A árvore_i está bem na sua frente. Você não tá vendo ela_i?

Isto gera a necessidade de se separar [FEMININE/MASCULINE] de [ANIMATE] em PB. Além disso, [FEMININE] é mais especificado do que [MASCULINE], como já previsto por Câmara Jr. (1970, 1972) e observado no português em plurais com elementos masculinos e femininos: em um contexto onde há pelo menos uma figura masculina presente, a referência deve ser feita usando a forma masculina do pronome; para uma referência com a forma feminina, o grupo deve ser formado exclusivamente por figuras femininas. Assim, como [FEMININE] parece mais especificado e, conseqüentemente, contextualmente mais restrito que [MASCULINE], a leitura masculina é interpretada como a ausência do traço [FEMININE]. Portanto, [CLASS] assume a seguinte configuração nos pronomes em PB:

(27) [CLASS[FEMININE]]

O Ya:thê, língua indígena brasileira falada pelo índios Fulni-ô, do sul do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil, oferece evidência dessa configuração. Nesta língua, as formas do singular dos pronomes pessoais apresentam marca de gênero apenas para o feminino.¹⁷

- (28) a. owe i sideya-towa
1spron. 1sii preguiça-part.neu.
“eu sou preguiçoso”
b. owe-so i sideya-to-so-wa
1spron.-fem. 1sii preguiça-part.neu.-fem
“eu sou preguiçosa”

A forma masculina do pronome de primeira pessoa do singular em Ya:thê não é marcada morfologicamente, enquanto a feminina apresenta o morfema – *so*, que aparece intercalado no verbo (*sideya-to-so-wa*). Esta evidência morfológica parece indicar que a realização da categoria *feminino* implica uma maior especificação estrutural.

É preciso lidar com a categoria *gênero* como algo intrinsecamente ligado à categoria *pessoa*, pelo menos em PB. Isto se dá porque em dados como (29) e (30), a primeira e a segunda pessoa do singular e a primeira pessoa do plural *a gente* permitem marca de concordância no adjetivo em predicativos (MOURA, 2007).

- (29) a. *Eu sou bonito/bonita*
b. *Você é bonito/bonita*

- (30) *A gente está cansada/cansado*

Este fenômeno também é atestado em francês, em que o predicativo concorda com o gênero do falante, mesmo não havendo marca desta categoria na primeira nem na segunda pessoa.

- (31) *Je suis content / content-e*

(MOURA, 2007, p. 3)

Em (31), o pronome de primeira pessoa do singular (*je*) não apresenta distinção quanto ao [gênero], mas desencadeia esta flexão no predicativo, da mesma forma que em PB.

A combinação dos traços de [CLASS] com aqueles dominados pelo nó [π], definirá se *gênero* será refletido no pronome. Em outras palavras, a projeção de [PARTICIPANT] inibirá a realização visível de gênero no pronome, resguardando os traços disponíveis para valoração, e possível representação morfológica, em outros elementos que entrem em concordância com estes (o adjetivo, em PB e em francês, por exemplo).

Vale salientar que [CLASS] é o nó verificado apenas em elementos nominais (adjetivos, advérbios e participios) no português. Assim, um mecanismo de valoração que lide com subespecificação de traços não afeta (e, conseqüentemente, não bloqueia) as relações de concordância.¹⁸

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi apresentar uma análise unificada para o sincretismo das formas pronominais em PB. Para tanto, levei em conta a estrutura interna dos pronomes. O fenômeno do sincretismo foi ilustrado com dados do PB e do inglês com o intuito de demonstrar que este fenômeno não é uma idiossincrasia do PB, mas um fenômeno ligado aos módulos universais da gramática. Apresentei evidências no PB para argumentar a favor de uma decomposição do *pronome* em detrimento da tradicional assunção de que este elemento é um primitivo linguístico.

Neste sentido, adotei uma análise fundamentada numa geometria de traços formativos para o pronome, que encontra no trabalho de Harley e Ritter (2002) suporte metodológico. Os dados apresentados apontaram a necessidade de se inserir alguns traços mais específicos no inventário apresentado pelas autoras visto que dados do PB e de outras línguas mostraram uma especificação na composição de certos pronomes que ia além daquela proposta. Assim, traços como [π], [NUM], [SPECIFIC], por exemplo, são indispensáveis empiricamente na composição do paradigma pronominal em PB.

A noção de subespecificação permeou todo o trabalho. É ela que, na proposta desenvolvida, define o sincretismo das formas pronominais em PB. Assim, um pronome subespecificado para algum traço ϕ tem seu campo de distribuição ampliado, podendo desempenhar os diversos papéis argumentais na sentença.

AN INNER STRUCTURE APPROACH FOR PERSONAL PRONOUNS IN BRAZILIAN
PORTUGUESE

ABSTRACT

This paper discusses how the wide use of pronominal forms in Brazilian Portuguese is allowed by their internal compositionality. From a minimalist approach of grammar (CHOMSKY, 1995, 1998, 1999), an enriched formal feature theory (BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008, 2010), developed on the basis of feature entailment and underspecification to compose those pronouns is adopted, which sheds light on the former problem of agreement between elements which differ from each other with relation to their set of features (person, number and gender). This approach leads to a clearer description of the syncretism of personal pronominal forms in Brazilian Portuguese strictly dependent on their inner structure, which considerably simplifies the description of agreement operations in such language.

KEYWORDS: Pronominal system, syncretism, agreement, underspecification.

UNA PROPUESTA DE ESTRUCTURA INTERNA PARA LOS PRONOMBRES
PERSONALES EN PORTUGUÉS BRASILEÑO

RESUMEN

Este artículo discute cómo el uso abarcador de las formas de pronominales en portugués brasileño está autorizado por su composicionalidad interna. A partir de un modelo minimalista de la gramática (CHOMSKY, 1995, 1998, 1999), se adoptó una teoría de rasgos enriquecidos (BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008, 2010), desarrollada con base en la noción de implicación y subespecificación de rasgos, con el fin de componer tales pronombres. Esta propuesta tiene como objetivo arrojar sobre el problema de la concordancia entre los elementos que presentan diferencias entre sí con respecto a su conjunto de características (persona, número y género). Este enfoque proporciona una descripción más clara acerca del sincretismo de las formas pronominales personales en portugués brasileño a partir de su estructura interna, lo que simplifica sustancialmente la descripción de las operaciones de concordancia en esta lengua.

PALABRAS CLAVE: Sistema pronominales, sincretismo, concordancia, subespecificación.

8. NOTAS

- 1 Uma parte dos dados apresentados nesse trabalho foi retirada de fontes bibliográficas devidamente mencionadas textualmente. Os casos que não apresentam referência são fruto de introspecção na condição de falante do português brasileiro.
- 2 Dado extraído de Albuquerque Lima; Santos; Salgado, (2006).
- 3 A discussão nesta seção é feita a partir da proposta de Carvalho (2008, 2015) sobre a estrutura interna dos pronomes no português brasileiro. Para outras discussões a partir de diferentes perspectivas baseadas em traços ϕ , ver Lopes e Rumeu (2007), Rocha (2010, 2016), Marcotulio (2012).
- 4 Menuzzi (2000) propõe que a gente é semanticamente uma forma pronominal de primeira pessoa do plural, equivalente a nós, e gramaticalmente, de terceira pessoa do singular, o que justificaria a concordância sintática. Entretanto, essa análise não explica o exemplo em (i), em que, mesmo localmente, os traços do possessivo devem ser apenas de primeira pessoa do plural, sendo agramatical a concordância gramatical entre este elemento e o a gente.
A gente leu nosso/*seu próprio livro.
- 5 Na verdade, nem mesmo nomes sempre exibem gênero em sua morfologia (MOURA, 2007).
- 6 Sobre uma discussão mais aprofundada sobre a natureza dos traços- ϕ , ver Carvalho (2012, 2017).
- 7 Manterei a terminologia dos traços de Harley e Ritter (2002) na língua original (inglês) no corpo do texto por questões de praticidade na exposição.
- 8 Béjar (2003) nota que, em algumas línguas, a primeira pessoa é a default, sendo representada por [PARTICIPANT [ADDRESSEE]].
- 9 Assumo aqui R como rótulo representativo para um pronome.
- 10 Béjar (2003) propõe uma teoria enriquecida de traços para lidar com certas condições de concordância sensíveis ao contexto, quando um alvo que não é o potencial (ou seja, um interventor) pode entrar numa relação sonda-alvo. Por exemplo, em georgiano, “a verb cross-references the person feature of

its object, unless the object is 3rd person, in which case the person feature of the subject is cross-referenced” (Tradução aproximada: “um verbo remete ao traço pessoa de seu objeto, a não ser que o objeto é de terceira pessoa, caso em que o traço pessoa do sujeito é remetido” (BÉJAR, 2003, p. 4).

- 11 Carvalho (2015) propõe uma concordância relativizada para pessoa no português baseado na composição de traços ilustrada no Quadro 1.
- 12 A estrutura de traços nos quadros 1 e 2 foi inspirada na geometria proposta em Carvalho (2008, 2015).
- 13 Cerqueira (2015) demonstra que a 3ª pessoa na posição de objeto no português é sempre definida e/ou específica.
- 14 O termo INDIVIDUATION é adotado para representar as particularidades de um ente. Daí o nó [INDIVIDUATION] representar configuracionalmente as categorias número, grau e classe.
- 15 O pronome indefinido ambos, da mesma forma diversos, algum, nenhum, entre outros, possui flexão de gênero em português, uma característica da 3ª pessoa nesta língua. Assim, aparentemente, as mesmas condições que operam sobre a 3ª pessoa também valem para outros pronomes em português, como os indefinidos e os demonstrativos.
- 16 Para o propósito deste trabalho, os únicos elementos relevantes para gênero são MASCULINE/FEMININE, já que estes são os únicos elementos refletidos no sistema pronominal em PB. Portanto, não exploraremos o que vem dominado por [ANIMATE].
- 17 Exemplo extraído de Costa (1999).
- 18 Para um modelo de concordância que lide com traços subespecificado para gênero, ver CARVALHO (2011). Para um modelo de concordância relativizada do traço de gênero, ver CARVALHO (2016).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE LIMA, Emanuelle Camila Moraes de Melo; SANTOS, Renata Lívia de Araújo; SALGADO, Solyany Soares. A variação entre os pronomes “mim” e “eu” na posição de complemento verbal em Alagoas: uma análise sociolingüística variacionista. In: *Anais do XI Encontro Nacional dos Grupos PET – ENAPET*. Florianópolis: UFSC, 2006.

BÉJAR, Susana. *Phi-syntax: a theory of agreement*. 2003. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Toronto, Toronto, 2003.

_____. Conditions on Phi-Agree. In: HARBOUR, D; ADGER, D.; BEJAR, S. (Ed.). *Phi-Theory: Phi-Features Across Modules and Interfaces*. New York: Oxford University Press, 2008.

BENVENISTE, Émile. *Problème de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michal. The typology of structural deficiency. In: VAN RIEMSDIJK, Hen. (Ed.). *Clitics and other functional categories in European languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. p. 145-233.

CARVALHO, Danniell da Silva. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em Português Brasileiro*. 2008. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

_____. Geometria de traços e a sintaxe de pronomes no português brasileiro. In: *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Tipografia Nunes, 2010. p. 245-261.

_____. Sincretismo, subespecificação de traços e a sintaxe de gênero em uma comunidade do português afro-brasileiro: um estudo de caso. *Papia*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 83-97, 2011.

_____. Traços. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). *Minimalismo em foco: princípios e debates*. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, p. 113-132, 2012.

_____. Sobre pessoa e referencialidade no português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91, p. 131-157, jan./jun. 2015.

_____. Concordância fracassada é, na verdade, relativização de traços. In: PILATI, Eloisa. (Org.). *Temas em Teoria Gerativa: homenagem a Lúcia Lobato*. Brasília, DF: Blanche Editora, 2016. p. 103-130.

_____. Da natureza dos traços-phi. In: CARVALHO, Danniell da Silva. (Org.). *Traços-phi: contribuições para a compreensão da gramática do português*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 15-36.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. A sintaxe do pronome acusativo de terceira pessoa no português brasileiro. 2015. 81 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.

_____. *Minimalist Inquiries: the Framework*. *MITWPL*, v. 15. Cambridge, Mass: MIT Working Papers in Linguistics, 1998.

_____. *Derivation by Phase*. *MITWPL*, v. 18. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics, 1999.

COSTA, Januacele F. *Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: Aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos*. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

COWPER, Elizabeth; HALL, Daniel Currie. The syntactic manifestation of nominal feature geometry. *Proceedings of the 2002 Annual Conference of the Canadian Linguistic Association*. Montréal: Cahiers Linguistiques de l'UQAM, p. 55-66, 2002.

D'ALESSANDRO, Roberta. Syntactic and Pragmatic features: a case study. *Leitura*, Maceió, v. 33, p. 185-202, 2006.

DÉCHAINED, Rose-Marie. ; WITSCHKO, Martina. Decomposing Pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 33, n.3, p. 409-442, 2002.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DUARTE, Inês et al. Geometria de traços e distribuição de elementos pronominais em Português Europeu e Português Brasileiro. Handout. 3º Colóquio Português Europeu Português Brasileiro. Lisboa, 2002.

GALVES, Charlotte Chambelland. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, Mary; ROBERTS, Ian. (Org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 387-408.

HARLEY, Heidi. Hug a tree: Deriving the morphosyntactic feature hierarchy. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 21, p. 289-320, 1994.

_____. ; RITTER, Elizabeth. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. *Language*, v. 78, p. 482-526, 2002.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. 181 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-114. (Volume 1).

_____; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação de traços intrínsecos. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de et al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes, 2007. p. 419-436. (Volume 1).

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza.(Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACHADO-ROCHA, R. *Morfossintaxe de Caso nos Pronomes Pessoais do PB/MG atual*. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

_____. *O redobro de clítico no português brasileiro dialectal*. 2016. 130 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. 2012. 252 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

McfADDEN, Thomas. *The position of morphological case in the derivation: a study on the syntax-morphology interface*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 2004.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENUZZI, Sergio. First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese. In: COSTA, João (Ed.). *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. New York: Oxford University Press, 2000.

MOURA, Maria Denilda. Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas. *Leitura*, Maceió, v.33, p. 87-110, 2006.

_____. A Predicação Copulativa em Português Brasileiro e em Espanhol. *Revista do GELNE*, v. 2, p. 67-76, 2007.

RIBEIRO, I. O sujeito nulo referencial no português “popular” brasileiro - século XIX. Handout. *Workshop do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística - Variação e gramática: diacronia e aquisição*. Campinas, 2008.

RITTER, Elizabeth. On Syntactic Categories of Pronouns and Agreement. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 13, p. 405-443, 1995.

ROCHA, Ricardo Machado. Morfossintaxe de Caso nos Pronomes Pessoais do PB/MG atual. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

_____. O Redobro de Clítico no Português Brasileiro Dialetal. 2016. 130 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. 2004. 286 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. *A Implementação do ‘Você’ no Português Brasileiro Oitocentista e novecentista: um Estudo de Painei*. 2008. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SOTO, Eva Ucy de Miranda Sá. *Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara 2001.

SPEAS, Margaret. Evidentiality, Logophoricity and the Syntactic Representation of Pragmatic Features. *Lingua*, v. 114, n. 3, p. 255-276, 2004.

Submetido em 09 de novembro de 2016

Aceito em 6 de junho de 2017

Publicado em 31 de agosto de 2017
